

## Ana Cláudia Ramalho dos Santos

### **Título:**

Amor-corpo

### **Texto:**

Dou graças pelo corpo que anda e corre a meu mando. Ponho-o a dançar, e dança. Peço-lhe que me leve, vou. Ele agradece, respirando. É corpo amado que dorme à sombra e repousa em peregrinação. É tudo o que tenho, na saúde. É meu desde que nasceu. Aprendeu a nadar, foi à baliza, mergulhou. Chegou primeiro, sem saber porquê. Foi depilado, tatuado, penetrado. Dormiu, escaldado, na unidade de queimados. Espalhou-se à beira da cordilheira espanhola. Lavou-se em lagos e riachos, esteve dez dias sem sabão. Corpo irrequieto, irreflectido. Quem mo deu? Corpo em fotografias, indisciplinado: foi corpinho e corpanzil. Provou pesarosas calças, flutuou dentro de vestidos. Não há, que eu saiba, outro igual. Corpo submerso, invólucro de mim, feliz. Corpo de mulher, fêmea que não escolhi. Jogou, com o amante, raquetes na praia. Corpo de almocinhos na ama, de chá na vizinha. Corpo envergonhado da toalha até ao mar. Corpo de castigo, tolo no passo, fiel no gosto. Corpo de cabeça, animal de superstição. Corpo de mezinhas e benzeduras, de salsa, coentros e hortelã. Corpo de canja de galinha. Corpo piroso, as pernas brancas e os braços bronzeados. Corpo que envelhece e morre sentado. Corpo misterioso, ignorado, sempre aqui. Corpo em guerra, desta feita, vivo, assim.